

aberto (é possível aceder integralmente ao tomo primeiro dos *Parua Naturalia* através da ligação <http://monographs.uc.pt/iuc/catalog/book/35>).

Permita-se-nos testemunhar aqui publicamente, em jeito de singela homenagem, o quanto a coleção “Portugaliae Monumenta Neolatina”, onde se integra agora a edição do *Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense*, fica a dever ao saber, à determinação e ao labor incansável do nosso prezado Mestre, o Professor Doutor Sebastião Tavares de Pinho, vítima de um trágico acidente pouco antes da publicação deste livro.

Saudamos, portanto, com muito agrado a publicação deste volume inaugural do *Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense*, sob a prestigiada chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra, na certeza de que os seus autores e editores prestaram um serviço inestimável à Cultura Portuguesa, disponibilizando ao leitor hodierno, em acesso aberto, uma obra que fez parte de uma série editorial “concebida em Coimbra para o mundo”, há mais de quatro centúrias, por quatro professores jesuítas do Colégio de Coimbra.

**C. Morais (2020), *Antígonas(s). Quatro Variações sobre um mito. Edição Crítica, Estudos e notas*. Lisboa: Âncora Editora. ISBN: 978 972 780 722 2. 395 pp.**

MARIA FERNANDA BRASETE<sup>8</sup> (CLLC, Universidade de Aveiro – CEHC-  
Universidade de Coimbra — Portugal)

O volume em epígrafe constitui a primeira edição crítica, acompanhado de um estudo rigoroso e de notas, das *Antígona(s)* do insigne pensador, político, ensaísta, pedagogo e também dramaturgo português, António Sérgio (1883-1969). Desde a publicação, nesta revista, do Suplemento I, intitulado *Máscaras Portuguesas de Antígona* (2001), Carlos Morais tem-se dedicado à investigação da receção do mito clássico de Antígona, não só no âmbito da Literatura Portuguesa, mas também nas Literaturas Brasileira e Espanhola. Nos últimos anos, os interesses do investigador têm concedido particular atenção ao estudo das variações sobre o mito de Antígona, na produção dramática de António Sérgio, um esforço coroado pela descoberta de um manuscrito inédito, intitulado *Diálogo de Creonte e Antígona*, datado de c. 1960.

---

DOI 10.34624/agora.v0i23.24499.

<sup>8</sup> mbrasete@ua.pt; Orcid ID: 0000-0001-6496-2311.

Em termos de estrutura, o livro divide-se em quatro longos e valiosos capítulos, seguidos de uma Bibliografia seleta e atualizada. Depois de uma espécie de prefácio, que surge sob o título *In Limine*, e em que o A. contextualiza as circunstâncias que estiveram na origem da sua investigação e dedicação ao estudo das quatro variações sergianas sobre Antígona, segue-se o capítulo de Introdução, subdividido em duas secções principais: 1.1. “Antígona: mito e mitemas”; 1.2. “Antígona: *um alter ego* de António Sérgio na luta contra as ditaduras militar e salazarista”. Nesta última parte, o A. conclui que, dentre “as mais de cinquenta “encenações e recriações” a que juntam ainda “dez releituras dramáticas” (p.14) do arquétipo sofociano, ocorridas ao longo do século XX em Portugal, “António Sérgio foi o que melhor, e repetidas vezes, explorou a retórica do protesto e de contestação da jovem filha de Édipo” (p. 14). O facto de à primeira edição clandestina da *Antígona* sergiana, possivelmente ocorrida em finais de setembro de 1930, se terem seguido mais três “variações” dramáticas do mito clássico, recriado com um acentuado teor político, dá origem às subsequentes partes em que se divide o *item* 1. 2.. Se a primeira edição datada de 1930 surge como um manifesto-drama, em três atos, que parecia ser mais uma recriação alegórica do que uma peça destinada à representação, atendendo ao seu propósito político-pedagógico de “despertar as consciências para a necessidade de resistirem à ditadura e de se empenharem civicamente na luta pela democracia e pela liberdade” (p. 16), a edição subsequente renova essa missão de protesto político, filosófico e pedagógico contra a ditadura salazarista (Edição de c. 1950). A contestação contra o processo de fraude eleitoral que deu a vitória ao candidato do regime e ditou a derrota do malogrado opositor “General sem Nome” (Humberto Delgado) deu origem à Edição de 1958, um opúsculo dramático composto por seis Jornadas, que permaneceu inédito até há poucos anos, em que a máscara de Creonte não representa já Carmona, como na edição anterior, mas o Presidente da República então eleito (Américo Tomás). A Edição de c.1960, sugestivamente apodada pelo C. Morais como “um reduto de esperança em tempos de desencanto” (p.31 ss.), permaneceu completamente inédita até ao ano de 2019, quando se comemorou o cinquentenário da morte de António Sérgio. Trata-se de manuscrito autógrafo não finalizado, possivelmente devido à derrota de Humberto Delgado e ao falecimento da mulher de António Sérgio, que, sob o título de *Diálogo de Creonte e Antígona*,

se baseia “nas cenas II e IV do Ato II da edição de c. 1950, aglutinadas pelo autor numa cena única, com muitas emendas e alguns aditamentos relativamente ao texto-base” (p.31).

O núcleo central deste livro encontra-se no extenso e notável Capítulo II (pp. 37-308), dedicado à edição crítica das “quatro variações” sobre o mito de Antígona, de António Sérgio, que, pela primeira vez, oferece aos leitores de língua portuguesa as quatro *Antígona(s)* sergianas, duas delas inéditas. O excecional labor e o rigor crítico na fixação dos textos sobressaem nesta preciosa edição que faz jus aos textos originais (acompanhados da reprodução de frontispícios, da capa da edição de 1958 e de ilustrações; do desenho de um cenário, de páginas manuscritas e dactiloescritas) e auxilia a tarefa do leitor (através de um rigoroso aparato crítico e de notas muito relevantes e esclarecedoras). De salientar ainda o cuidado do A. na fixação dos textos, que soube tomar as melhores opções no que diz respeito à ortografia, à pontuação, à morfossintaxe, à normalização dos nomes próprios, aos critérios de apresentação dos dactiloescritos, bem como às siglas e outros signos usados no aparato crítico.

Como é evidente, não é possível, neste momento, pronunciar-me sobre cada uma dessas quatro “variações” sergianas do mito de Antígona, mas para a sua interpretação poderá ser de grande utilidade a leitura dos estudos publicados por C. Morais, bem como os de outros estudiosos referidos na Bibliografia que surge no final do volume.

A edição em apreço revela-nos ainda outra agradável surpresa: o importante e curioso Capítulo IV que enriquece ainda mais a obra, atendendo ao material suplementar disponibilizado que constitui, indubitavelmente, uma mais-valia para uma melhor contextualização da obra sergiana. Nessa derradeira parte, encontra-se anexada uma documentação muito relevante e, talvez até desconhecida por muitos, sobre “O processo de edição e circulação clandestina de Antígona”, e que também dá conta “Da polémica em torno da *Antígona* de António Sérgio”. Refira-se que esta é uma outra ferramenta de trabalho muito importante para os investigadores ou para quem se interesse pela figura de António Sérgio e/ou dos outros autores portugueses citados.

No seu conjunto, esta edição crítica proporciona um volume de leitura agradável, no seu todo, mas em especial no que toca aos textos dramáticos

que compõem as quatro variações da *Antígona*, de António Sérgio. Trata-se de um trabalho sustentado num contínuo e dedicado labor do A. que soube esperar pela melhor oportunidade para dar à estampa esta valiosa edição crítica. Considero que se trata de um exemplo superior de como o trabalho permanente de investigação não se compadece com o imediatismo de resultados, nem com os indicadores bibliométricos que excluem as publicações em língua portuguesa, porque, além do prazer que determinado objeto de estudo tem o poder de suscitar, é imprescindível realizar uma árdua recolha de documentação, um aturado esforço de análise e de sistematização, que está, necessariamente, na base de um pensamento hermenêutico e crítico fundamentado e inovador.

Estamos, portanto, perante uma edição crítica que cumpre rigorosa e completamente a sua finalidade, que se impõe pela qualidade e rigor do trabalho de investigação empreendido e que apresenta o mérito singular de um estudioso que, nos últimos anos, se tem dedicado, apaixonadamente, à análise da receção do mito de Antígona, em geral, e à dramaturgia sergiana, em particular. Estou certa de que esta edição crítica constituirá um marco muito importante na História do Teatro Português do século XX.

**R. López Gregoris (Ed.). 2021. *Mujer y violencia en el teatro antiguo. Arquetipos de Grecia y Roma*. Madrid: Catara. ISBN: 978-84-1352-152-7. 144 pp.**

MARIA FERNANDA BRASETE<sup>9</sup> (CLLC, Universidade de Aveiro – CEHC-  
Universidade de Coimbra — Portugal)

Com este volume, que abre com um Prólogo da editora, seguido de cinco capítulos de filólogos clássicos espanhóis, aborda-se um tema que tem fomentado muitos debates e reflexões, mas que, apesar de centrado no antigo mundo greco-romano, é de grande interesse para uma visão diacrónica da violência exercida sobre a mulher, infelizmente uma realidade ainda muito presente no mundo de hoje. Trata-se, por isso, de um testemunho da inquestionável vitalidade dos estudos clássicos num tempo em que, como a escritora espanhola Irene Vallejo declarou, se está a incorrer na “loucura de esque-

---

DOI 10.34624/agora.v0i23.24502.

<sup>9</sup> mbrasete@ua.pt; Orcid ID: 0000-0001-6496-2311.